

# 10 HISTÓRIAS DE **TRANSFORMAÇÃO**



Comunidade de  
Aprendizagem



# 10 HISTÓRIAS DE **TRANSFORMAÇÃO**







## OLÁ!

As transformações que ocorrem ao nosso redor não podem passar despercebidas. Merecem nosso tempo, atenção e valorização, e são uma inspiração para olhar ainda mais longe.

Nas páginas a seguir, você encontra 10 histórias escritas por educadores que participaram da ação “Histórias de Transformação”, organizada pela equipe do projeto Comunidade de Aprendizagem do Instituto Natura. O objetivo da iniciativa foi, primeiramente, identificar as histórias para, em seguida, disseminar relatos de transformação que aconteceram nas escolas em 2017.

Veja de que forma é possível colocar os sonhos em prática nas frases generosas de Adriana, Alessandra, Elaine, Felipe, Leila, Leonardo, Lirian, Patricia, Simone e Vanderlei.

Boa leitura!



## **AVÓ, VOLUNTÁRIA E INSPIRADORA!**

**ELAINE DOS SANTOS DEPIERI**  
MOGI MIRIM (SP)

Sou vice-diretora na Escola Municipal de Ensino Básico Prof.<sup>a</sup> Ana Isabel da Costa Ferreira, no município de Mogi Mirim. Começamos nosso processo de transformação para sermos uma Comunidade de Aprendizagem em agosto de 2015.

A D. Neusa é o exemplo de transformação mais inspirador que conheço. Ela é avó de um aluno de nossa escola que estava sempre presente nas reuniões de pais, trazendo seu neto para a aula de reforço escolar e com frequência escutava reclamações do comportamento do mesmo na porta da sala.

Quando passamos pelo processo de transformação, ela foi uma das pessoas que de pronto aderiram ao projeto. Ela é voluntária nos Grupos Interativos que acontecem semanalmente, participa da comissão mista que se reúne quinzenalmente e montou e cuida da nossa horta escolar, não deixando de demonstrar sua satisfação por também estarmos realizando Tertúlias Literárias e desenvolvendo o Modelo Dialógico de Resolução de Conflitos. Ela é nosso modelo de participação e transformação e, em suas palavras, reconhece isso: “Meu neto melhorou muito na escola, minha vida mudou, quando estou aqui, até esqueço meus problemas de casa”.

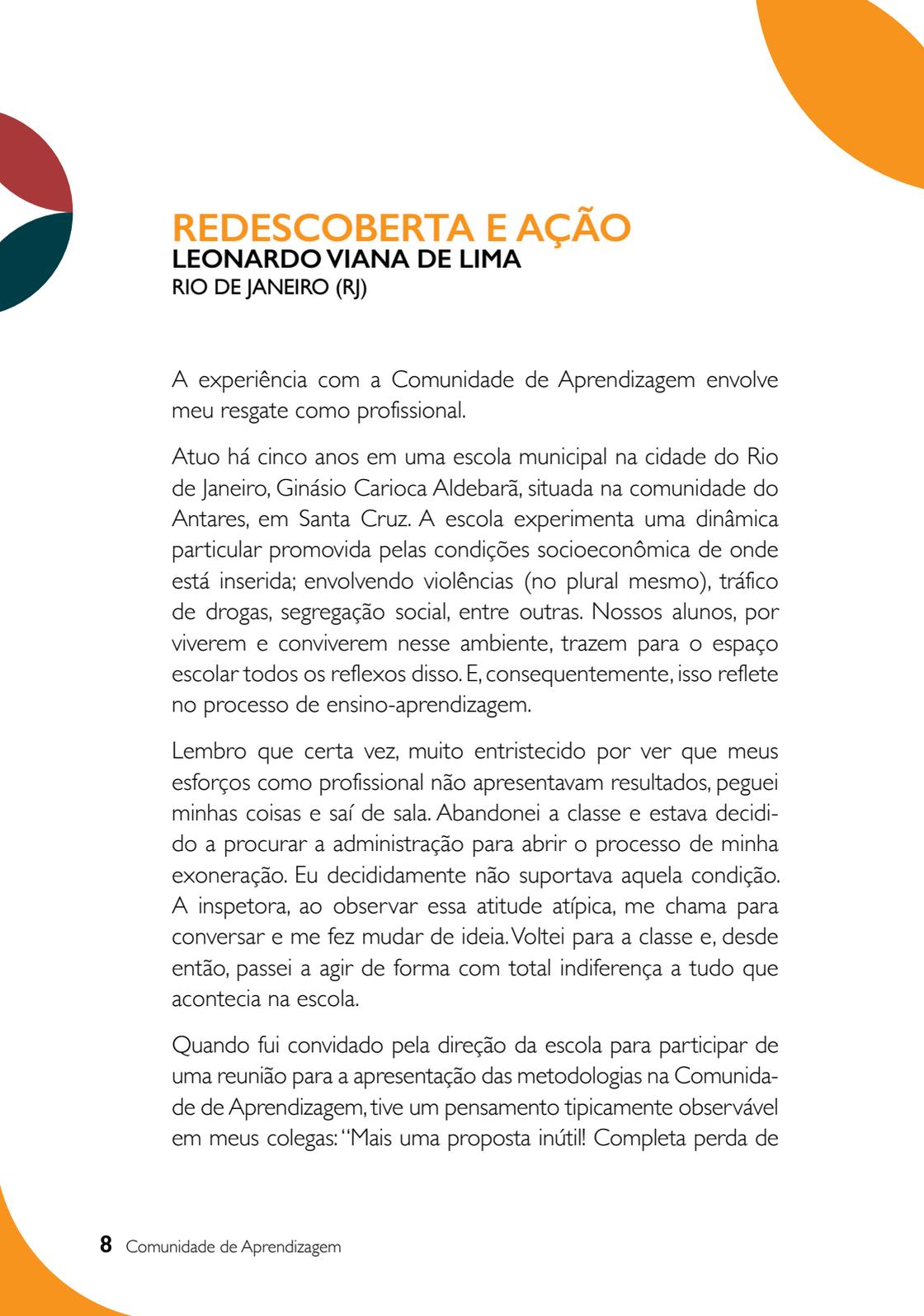
Ela reconhece que participar das Atuações Educativas de Êxito fizeram com que o desempenho escolar de seu neto realmente melhorasse muito e, como ela mesma diz, “é pra melhorar a vida



das crianças”. E então é nisso que vejo a transformação maior: Com seu dinamismo e motivação, ela trouxe e continua trazendo vários voluntários para participar dos Grupos Interativos e da comissão mista com ela. Ela sempre está pronta a participar, dando boas ideias e também colocando a mão na massa. São pessoas como ela, e cada uma do seu jeito – e aqui poderia citar muitos nomes, mas muitos mesmo – é que fazem com que nossa escola seja uma Comunidade de Aprendizagem.

ATUAÇÕES  
EDUCATIVAS  
DE ÊXITO  
MELHORARAM O  
**DESEMPENHO  
ESCOLAR**





## REDESCOBERTA E AÇÃO

**LEONARDO VIANA DE LIMA**  
RIO DE JANEIRO (RJ)

A experiência com a Comunidade de Aprendizagem envolve meu resgate como profissional.

Atuo há cinco anos em uma escola municipal na cidade do Rio de Janeiro, Ginásio Carioca Aldebarã, situada na comunidade do Antares, em Santa Cruz. A escola experimenta uma dinâmica particular promovida pelas condições socioeconômica de onde está inserida; envolvendo violências (no plural mesmo), tráfico de drogas, segregação social, entre outras. Nossos alunos, por viverem e conviverem nesse ambiente, trazem para o espaço escolar todos os reflexos disso. E, conseqüentemente, isso reflete no processo de ensino-aprendizagem.

Lembro que certa vez, muito entristecido por ver que meus esforços como profissional não apresentavam resultados, peguei minhas coisas e saí de sala. Abandonei a classe e estava decidindo a procurar a administração para abrir o processo de minha exoneração. Eu decididamente não suportava aquela condição. A inspetora, ao observar essa atitude atípica, me chama para conversar e me fez mudar de ideia. Voltei para a classe e, desde então, passei a agir de forma com total indiferença a tudo que acontecia na escola.

Quando fui convidado pela direção da escola para participar de uma reunião para a apresentação das metodologias na Comunidade de Aprendizagem, tive um pensamento tipicamente observável em meus colegas: “Mais uma proposta inútil! Completa perda de

## DEVERÍAMOS FORMÁ-LOS PARA A VIDA



tempo...". Ao participar das atividades durante a reunião, tive outro pensamento: "Nunca que aqueles alunos conseguirão acompanhar o desenvolvimento dessas metodologias!". E fiquei o restante da reunião completamente apático e desmotivado. Talvez, naquele momento, eu estivesse agindo exatamente como meus alunos, os quais eu tanto criticava.

No início do ano seguinte, não me preocupei em desenvolver nenhuma das propostas. Só comecei depois de muita insistência de duas professoras que sempre admirei como exemplos de comprometimento e dedicação à educação. Os alunos escolheram uma obra inesperada: *Romeu e Julieta*. Para mim, que não tenho nenhum gosto por esse gênero, ter uma tragédia como recurso foi o segundo desafio (lembrando que a primeira foi minha resistência à proposta).

Antes de começar a Tertúlia de *Romeu e Julieta* precisei ler a obra e fazer uma pesquisa sobre o contexto histórico de sua produção. E, nesse momento, tive boas recordações de meus tempos de aluno e do quanto gostava das aulas de História sobre o Renascimento.

Com a intenção de aumentar o interesse dos alunos pela obra, iniciei com a pergunta: “Alguém conhece a história de *Romeu e Julieta*?”. A maioria afirmou ter ouvido falar dela, mas que nunca tinha lido o título (inclusive eu). E, entre uma fala e outra, um deles diz uma frase simples: “Quem nunca sofreu por amor?! Né, professor?!”. E no decorrer da atividade, a partir da leitura do livro, ouvi os conflitos, as experiências e os dramas aos quais nunca antes dera oportunidade para que os alunos relatassem durante minhas aulas (porque eu considerava que o cumprimento eficiente do currículo era a garantia de sucesso no processo de ensino-aprendizagem).

Naquele momento, tive um clarão de lucidez, ao ver que minha condição de professor não me fazia diferente deles e que os tempos de aulas seriam enriquecidos com a participação de todos de uma maneira horizontalizada. E mais do que cumprir o currículo ou prepará-los para o mercado de trabalho, deveríamos formá-los para a vida.

Desse momento em diante, acredito que começou minha mudança como professor e me senti feliz por compartilhar aqueles momentos de leitura e conversa com eles. Quando concluímos a leitura da obra, desejamos continuar juntos com outras atividades relacionadas à obra de Shakespeare, mesmo enfrentando críticas dos meus colegas de trabalho, que questionavam minha competência para ser o mediador da *Tertúlia* com a turma, porque eu sou professor de Ciências...

Em conjunto com as professoras Milena (Sala de leitura) e Ronisia (Geografia), as mesmas que me motivaram a participar, realizamos com os alunos uma releitura de *Romeu e Julieta* em foto-novela, em que eles reescreveram a história usando elementos

da realidade deles (construção dos personagens, vocabulário peculiar, entre outros) e também apresentamos para a comunidade escolar uma peça teatral com a adaptação da obra.

Continuei acreditando na proposta e ampliei para textos relacionados à minha disciplina, utilizando textos científicos. Os resultados também me surpreenderam, ao ver que eles superaram os limites do ambiente escolar e aproximaram os conteúdos escolares do seu cotidiano, sendo capazes de formularem experimentos e elaborarem novos questionamentos e conclusões de maneira autônoma.

Aqueles alunos que eu julgava limitados e incapazes se mostraram com riqueza absurda de potencialidades e precisavam apenas de oportunidades para mostrá-las. Ao me redescobrir como profissional, vi que eu era um reproduzidor inconsciente de conceitos sociais que criticava. Redescobri com meus alunos que a escola é a melhor e maior ponte entre o patrimônio cultural e a construção do futuro de nossos jovens e que é o espaço onde pode se transformar sonhos em vida.





## CASINHAS IGUAIS, ESCOLA E COMUNIDADE

**LEILA DAIANE BERGAMIN**

**SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (SP)**

Era uma vez uma escola de ensino fundamental que nasceu em um bairro afastado, cheio de casinhas iguais. Cada casinha possuía em seu telhado um cilindro de aquecimento solar, que chamava a atenção de todos que entravam naquele bairro. Em cada casinha foi morar uma família que tinha vindo de outros bairros daquela cidade.

As famílias ficaram meio confusas e deslocadas, pois ali não havia mercado, nem açougue, nem quitanda, nem farmácia e nem padaria. Ali só havia a escola, um posto de saúde, uma quadra de esportes e uma escolinha de bebês. As crianças de cada família daquelas casinhas foram para a escola e não entenderam muito bem o que estavam fazendo ali. Mas as crianças tinham que ir para aquela escola, porque os adultos de cada casinha saíam cedo para trabalhar em lugares distantes daquele bairro.

Nessa escola havia um grupo de professores e gestores que receberam e acolheram tais crianças. Entretanto, as crianças e suas famílias não souberam receber muito bem aqueles profissionais, pois todos ali estavam meio confusos com o nascimento daquela escola e daquele bairro, numa crise de identidade. Daí, todos esses educadores foram embora e vieram novas pessoas para recomençar os trabalhos educativos.

O tempo foi passando e essa escola não apresentava resultados positivos quando era avaliada, e até um apelido ela recebeu: “castigo”. A equipe escolar ficou indignada com essas situações e co-

meçou a sonhar com uma nova realidade. A comunidade escolar sonhou com uma quadra para as aulas de educação física, com a visita do Papai Noel trazendo presentes, entre outros devaneios. E essa escola se tornou uma Comunidade de Aprendizagem, buscando a realização de cada sonho que foi sonhado junto.

Hoje, essa escola tem quadra, abrigo de chuva, uma nova fachada, atividades educativas em Grupos Interativos, Tertúlias Literárias e Pedagógicas, cantinho de leitura e jogos de tabuleiro nos recreios, visita do Papai Noel no fim do ano e comissões que colaboram com ideias e ações, num ambiente onde todos aprendem e ensinam, e buscam transformar a realidade social.

Junto com tudo isso, aconteceu que um grupo de professores e colaboradores resolveu continuar trabalhando naquela escola, e já completou três anos de continuidade dos trabalhos. E as crianças perceberam que estão na escola para aprender a ler, escrever, calcular, para brincar e fazer amigos... Enfim, para serem felizes e sábias.

Esse processo ainda precisa continuar e se solidificar, com as boas ações comunitárias e as Atuações Educativas de Êxito, fortalecendo vínculos de pertencimento com a escola e com o espaço daquela localidade cheia de casinhas, que já não são tão iguais...

E essa história de transformação entrou por uma porta e saiu pela outra, e quem quiser que conte outra...

**BUSCAR  
TRANSFORMAR  
A REALIDADE  
SOCIAL**





## COMO COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM ME TRANSFORMOU

**ALESSANDRA VAZ DE SOUZA  
DIAS E SOUZA**

MOCOCA (SP)

Sou coordenadora pedagógica na Escola Municipal de Ensino Básico Professora Vera Sandoval Meirelles, que faz parte da rede municipal de educação e atende alunos do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental. Nossa comunidade escolar conheceu o Projeto no ano passado e decidiu que nossa escola se transformaria numa Comunidade de Aprendizagem. Nessa mesma época, começamos a experimentar algumas atuações de êxito, para irmos colocando em prática aquilo que discutíamos nos encontros de formação. Também realizamos as fases de transformação e o Dia do Sonho, que foi um evento que mobilizou toda a comunidade escolar e o entorno da escola. Neste ano de 2017, estamos realizando a implementação. Escolhemos as Tertúlias Dialógicas e Grupos Interativos, a princípio, mas já temos planos para ampliarmos as atuações de êxito.

Mas confesso que, antes de iniciar a transformação da nossa escola, a Comunidade de Aprendizagem me transformou primeiro. À medida que ia recebendo a formação, aliando teoria à prática, comecei a perceber que todos os princípios da aprendizagem dialógica eram exatamente aquilo em que eu acreditava. Não conhecia as nomenclaturas nem toda a fundamentação teórica que sustenta a Comunidade de Aprendizagem, mas eu sempre soube que esse era um modo significativo de transformação da realidade por meio da educação. Eu redescobri Paulo Freire, esse educador

extraordinário que minha formação acadêmica não valorizou. Eu me redescobri na educação, ressignifiquei minha prática.

Mas toda essa transformação não foi tão rápida no grupo de professoras que coordeno. Havia quem queria muito experienciar as atuações de êxito e havia outras mais resistentes. É comum algo novo desestabilizar ou até mesmo assustar, a princípio. Porque tudo o que é novo nos tira de nossa zona de conforto. E nem todo mundo está disposto a se desafiar e sair dela. Então eu comecei a semear os princípios da aprendizagem dialógica e as primeiras atuações da Comunidade nas reuniões de formação coletiva e com as professoras que se mostraram abertas ao novo. O meu intuito era que as demais observassem, ouvissem relatos de sucesso e se sentissem mais seguras e motivadas para se transformarem também. Portanto, realizamos algumas Tertúlias Literárias e Pedagógicas nas reuniões de formação e iniciei Grupos Interativos com algumas professoras da escola. E a sementinha começou a germinar; pois os relatos e experiências polinizavam por aqui e por ali. Mais professoras vieram me procurar; pois também queriam realizar as atuações de êxito em suas turmas.

Mas mesmo com o desejo, ainda havia a insegurança. As professoras me questionavam como alunos tão pequenos de 6 anos, que ainda nem liam convencionalmente, iriam participar de uma Tertúlia, ou se a presença de outras pessoas nas salas de aula nos Grupos Interativos não poderia atrapalhar em vez de ajudar seus alunos. Decidi então modelizar as atuações em todas as salas. Agendei com as professoras Tertúlias em praticamente todas as salas de aula da escola e eu mesma mediava e conduzia. As professoras ficavam apenas observando e constatando o quanto os meninos, mesmo pequenos, sabiam sobre o mundo, sobre a vida e como conseguiam argumentar. Elas viram que era possível e o quanto era significativo e enriquecedor. Elas observaram na prática os princípios da apren-

dizagem dialógica que discutíamos nas reuniões de formação, por meio da homologia de processos.

Nos Grupos Interativos, eu também ficava presente, ora como mediadora, ora como voluntária. Tudo para garantir que as professoras tivessem bons modelos e seguissem todos os passos necessários para a realização dessa atuação. Também planejava com elas quais atividades poderiam ser usadas nos Grupos Interativos e como agrupar de maneira mais significativa os alunos. E, desse modo, os Grupos Interativos começaram a ser uma das maneiras de se trabalhar bons agrupamentos na escola. Tanto que desenvolvemos um plano de ação como parte de uma formação no curso Gestão para a Aprendizagem, da Fundação Lemann, em parceria com Elos Educacional, e os Grupos Interativos foram uma das principais e mais significativas atividades. Compartilhamos o Projeto Comunidade de Aprendizagem e as atuações de êxito com essas instituições e com dezenas de outras escolas que faziam parte do mesmo curso. E assim polinizamos nossa sementinha até mesmo para fora das fronteiras de nossa cidade e de nosso estado.



ME REDESCOBRI  
NA EDUCAÇÃO,  
RESSIGNIFIQUEI  
MINHA PRÁTICA

Nos Grupos Interativos, vivenciamos momentos singulares que marcarão para sempre minha trajetória profissional. Funcionárias da equipe de apoio começaram a se interessar em participar como voluntárias e também redescobriram o papel da escola e de cada uma delas como educadoras. Elas, inclusive, mudaram o olhar sobre muitos alunos, estereotipados e rotulados negativamente, mas nesses momentos havia a percepção do quanto eles sabiam, o quanto eram solidários para ajudar seus colegas. E, à medida que voltavam a participar de Grupos Interativos após um tempo, na mesma sala, elas percebiam o quanto os alunos já haviam aprendido em pouco tempo. Também se sentiram valorizadas. Pessoas simples, com pouco estudo escolar, que jamais se imaginariam dentro de uma sala de aula contribuindo com a aprendizagem dos alunos, também se transformaram, se redescobriram.

No momento, além dos Grupos Interativos e Tertúlias em sala de aula, também estamos realizando, nas reuniões de formação, Tertúlias Pedagógicas mensais com o livro *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire. E também já experimentamos Tertúlias Plásticas e Musicais.

A Comunidade de Aprendizagem está transformando professores, funcionários, alunos e comunidade escolar, mas almejamos impactar muito mais nosso entorno. Temos um longo caminho pela frente. Mas agora já sabemos que estamos no caminho certo. Porque, parafraseando Lewis Carroll, se você não sabe aonde quer ir, qualquer caminho serve. Mas hoje sabemos aonde queremos chegar e temos boas atuações para alcançarmos nossos objetivos. Porque “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (Paulo Freire).



## TRANSFORMAÇÃO NA ROTINA, MUDANÇA NAS PESSOAS

**PATRÍCIA BERNARDES SILVA ROSA**  
SERRA DO SALITRE (MG)

Meu nome é Patrícia Bernardes, estou professora alfabetizadora há nove anos.

Começo meu relato com a seguinte frase: “É possível ainda emocionar nossos alunos em um mundo tão digitalmente acelerado”. Diante de tantos desafios a que somos submetidos ao longo de nossa carreira, ensinar se tornou algo angustiante, se levarmos em conta toda bagagem de conhecimentos disponíveis aos nossos alunos lá fora. E pensando em todas essas desvantagens foi que comecei a trabalhar de forma diferenciada com meus alunos, procurando proporcionar um ambiente educacional acolhedor que suprisse de alguma forma essa necessidade de estar sempre em movimento, de falar coisas corriqueiras do dia a dia, de dialogar com os colegas e debater opiniões.

Comecei observando o trabalho de uma colega que atua na mesma escola que eu, Luciene, que naquele momento era também uma formadora do Projeto Comunidade de Aprendizagem, em que realizava trabalhos com as Tertúlias Pedagógicas com os professores. Então, incentivada por ela, comecei a fazer as Tertúlias Dialógicas Literárias em minha sala e percebi de início como foram impactantes. Meus alunos se empolgaram muito, todos participavam, comentavam fatos relacionados ao seu cotidiano. Aqueles alunos que demonstravam pouco interesse aos componentes

curriculares ministrados passaram a se interessar bastante. Houve uma grande transformação na minha sala e na minha vida como professora. Jamais imaginei que um simples momento de leitura em roda e a oportunidade de expressarem suas opiniões pudessem ter tanto êxito.

Comecei a trabalhar com AEEs, e as Tertúlias faziam parte de nosso cotidiano. Havia um aluno hiperativo que não conseguia se concentrar em nenhuma leitura e também um aluno cadeirante com deficiência intelectual que apenas repetia a opinião dos outros colegas e não participava atentamente das aulas. Alguns tinham dificuldades em ler fluentemente, mas depois que iniciei o trabalho com as Tertúlias esse cenário mudou.

O aluno hiperativo já comentava com coerência, eu conseguia que ele lesse sem se movimentar porque a atividade interessava muito, e ele se relacionava com o texto. O aluno Bruno, aquele com deficiência intelectual, já participava igualmente, sem distinção em sala, queria comentar sempre, e, para minha surpresa, ele tinha sua opinião, não repetia a opinião dos colegas, entendia o que era lido e o que seus colegas estavam comentando. Mesmo com suas limitações sempre queria participar e correlacionar suas ideias. Tudo isso foi muito gratificante, uma alegria que não consigo explicar, ao ver meus outros alunos lendo com fluência, entendendo o que liam. Em seus olhos percebia o entusiasmo quando era dia de Tertúlia. Eram comentários em cima de comentários.

O diálogo igualitário é sem dúvida a chave para uma educação de qualidade, é uma necessidade que nós seres humanos temos e que devido a tantos fatores e em meio a uma sociedade tão individualista precisa ser resgatado. Nossos alunos têm esses anseios, precisam falar, se libertar dessas angústias que os impedem de as-

similar conteúdos, pois os mesmos se tornam insignificantes diante de tudo que vivem, e meus alunos passaram a ser mais argumentativos, dialógicos, saber intervir e expor suas ideias. Comecei então a colocar as Tertúlias no meu dia a dia, e o que antes era realizado mensalmente passou a ser realizado semanalmente. Não conseguia mais ficar sem elas, nem eu nem meus alunos, que já sabiam direitinho o dia das Tertúlias. Com essa prática, consegui alunos leitores autônomos e que agora amavam o componente Português.

Fui também convidada pela direção escolar para ser moderadora de uma Tertúlia Pedagógica dirigida às minhas colegas de trabalho. Confesso que nessa hora eu tremi, meu coração parecia uma “escola de samba”, não é fácil estar à frente e ter que falar com pessoas, principalmente sendo professoras, muitas com mais experiências que eu, e pelo fato de eu ser muito tímida. Conseguia falar muito bem em uma roda de conversa informal com minhas colegas e até com outras pessoas, mas ir à frente e ser o centro das atenções era um sofrimento, mas, como eu já estava realizando esse trabalho com meus alunos, me senti mais segura e confiante, afinal era o diálogo igualitário que eu tanto defendia. Naquele momento éramos iguais, não havia diretora, supervisora, éramos apenas pessoas interessadas em aprender mais e dialogar mais.

Foi muito gratificante ver minhas colegas expressarem suas opiniões e angústias. Percebi que, mesmo trabalhando juntas há tanto tempo, não nos conhecíamos, nunca tivéramos oportunidades até então de sentarmos para falar sobre o que achávamos. Eram sempre reuniões sobre prioridades escolares, mas sem que todas se manifestassem e pudessem expor sua opinião. Percebi como aquele momento foi rico e como crescemos profissionalmente a partir daquela Tertúlia Pedagógica. Ficamos mais próximas e tam-

bém tivemos mais liberdade de chegar e conversar sobre determinado assunto, e no final veio uma colega que já estava para se aposentar; uma professora muito importante para a escola, que ajudava em todos os eventos, muito criativa, inteligente e de uma sabedoria ímpar; um ser humano de caráter exemplar; ela que foi a primeira a me estender a mão quando cheguei e não tinha ideia do que era uma sala de aula. Ela veio e me disse: "Parabéns, eu fiquei muito emocionada ao ouvir você falar e realizar tão bem essa reunião". Naquele momento, pude compreender que eu estava no caminho certo e que nada é por acaso. Aquela profissional, que sabia muito bem ensinar uma criança, que amava o que fazia, e mesmo com a saúde comprometida não queria deixar a profissão, era o meu espelho. Tinha e tenho muita admiração por ela, me dizendo que tinha ido bem, isso foi uma motivação a mais.

Hoje, estou com outra turma e, além das Tertúlias, experimentei o Grupo Interativo e gostei muito, consegui fazer meus alunos interagirem em grupo, pois, na maioria das vezes, eles sentavam juntos, mas cada um fazia o seu trabalho e quem não conseguia me chamava, mesmo sabendo que, estando juntos, era o colega que ajudaria na dúvida. No Grupo Interativo, eles aprenderam a "dividir" o conhecimento com o coleguinha, e, tendo os pais ali, foi muito bom porque muitos só iam a reuniões e ficavam alheios ao que se passava em sala. Uma mãe me disse que não tinha aprendido a tabuada quando criança e hoje fazia muita falta, não gostava e nem tinha paciência de ensinar os deveres ao filho, e outra não tinha terminado seus estudos e queria muito voltar. Alguns dias depois do Grupo Interativo, a primeira mãe disse que estava estudando a tabuada com o filho e também fazendo os deveres de casa com ele. Todo feliz, ele me disse que sua mãe não sabia quanto era  $9 \times 4$  e então ele explicou. Percebi a importância que isso teve na vida dele. Antes



## ENSINAR MEUS ALUNOS A SE EMOCIONAREM

era desinteressado e só fazia as atividades por obrigação e agora tenho percebido o seu interesse em aprender para ajudar a mãe.

A outra mãe já está estudando, acho que o grupo foi o motivador dessa decisão. Ela se empolgou muito quando estava dentro da sala. É de suma importância que esses pais possam estar inseridos no contexto escolar; pude notar como isso se torna necessário. Foi gratificante e prazeroso realizar o Grupo Interativo e agora quero colocá-lo também em minha rotina educacional, assim como as Tertúlias.

E assim venho desenvolvendo meu trabalho, ensinando e aprendendo, mais aprendendo do que ensinando, pois a educação não é uma receita pronta, é preciso doses de paciência e muito amor pelo nosso educando, nosso maior bem. Existem pais que fazem a diferença e existem aqueles que precisam que nós façamos a diferença na vida deles, pois só assim poderemos transformar a educação e mudar a realidade, diminuir as desigualdades sociais,

dando oportunidades iguais a todos. Não é um sonho impossível, só é preciso utilizar as ferramentas certas.

Através do Projeto Comunidade Aprendizagem, eu percebi que ensinar vai além, que não devemos ter limites e nem impor limites aos nossos educandos. Eles têm o direito de sonhar e realizar, e, se pudermos ter suas famílias ao nosso lado, sonhando juntos, melhor ainda. Se é possível emocionar nossos alunos? Tenho certeza que sim, por tudo que vivi, ouvi e percebi durante esse tempo, e é assim que quero continuar em minha profissão, ensinando meus alunos a se emocionarem.

Devemos acreditar que família na escola é um dos fatores para melhorar as aplicações de sucesso das AEEs. Trabalhar com equidades, diminuir ansiosos. Isso, para mim, é muito gratificante. Quando uma mãe me disse que iria voltar a estudar, percebi o quanto o Projeto CA e as ações nos princípios da aprendizagem dialógica impactam nosso dia a dia. Tivemos um diálogo igualitário, ela passou pela transformação, criou-se um sentido da importância de voltar a estudar:

Assim, a escola, eu, todos nós somos corresponsáveis pela superação das desigualdades sociais, trabalhando com eficácia equidade para a melhoria da convivência e pela participação de todos de uma forma coesa.



# COMISSÕES MISTAS E O RESULTADO NO DIA A DIA

**LIRIAN CRISTINA DA  
SILVA PAES DOS SANTOS**  
TREMembÉ (SP)

O envolvimento de nossa escola Escola Municipal de Ensino Fundamental Nicolau Couto Ruiz, pertencente ao município de Tremembé, com a Comunidade de Aprendizagem é cada vez maior no decorrer dos anos, envolvendo a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I (Regular e EJA), sempre implementando as práticas do projeto. Há Tertúlias, Grupos Interativos, Comissões Mistas, Formação de Pais e Biblioteca Tutorada, e a prática da Comissão para Resolução de Conflitos está entrando na rotina.

Nossa escola do campo continua na busca constante de realização de seus sonhos. As atividades das Comissões Mistas em seus encontros quinzenais buscam nortear ações para atingir seus objetivos. Cerca de 10 pessoas lutam para que as necessidades dos 103 alunos sejam garantidas. Já conseguiram, neste ano letivo, arrecadar verbas para fazer um delicioso café com toda a comunidade, vivenciando uma gestão democrática, dialógica e enriquecida com a participação de todos os envolvidos no cotidiano escolar. Buscaram voluntários para reorganizar o pátio externo da escola e doação de material para executar as reformas. Montaram curso de crochê, ministrado por uma mãe voluntária, para pessoas interessadas em ampliar sua renda ou ter um momento prazeroso entre elas.

Atualmente, a maior das mobilizações das Comissões foi buscar, através dos órgãos competentes e com o apoio da Secretaria de Educação, a implementação do EJA em 2017. Assim, convenceram as autoridades sobre a importância de dar tal oportunidade a pessoas que não tiveram condições de ter acesso ao Ensino Regular anteriormente, devido a circunstâncias adversas que não permitiram que isso ocorresse. Acreditando ser benéfica ao bairro, uma sala está funcionando com 14 alunos regulares, e os sonhos continuam rumo a novos desafios.

GESTÃO  
DEMOCRÁTICA,  
DIALÓGICA E  
ENRIQUECIDA COM  
**A PARTICIPAÇÃO  
DE TODOS**





## **E O SONHO SE REALIZA A CADA DIA**

**VANDERLEI ROBERTO GABRICIO**  
MOGI GUAÇU (SP)

Meu nome é Vanderlei Roberto Gabricio e sou, atualmente, coordenador pedagógico em uma das escolas da rede municipal de Mogi Guaçu/SP e articulador do Projeto Comunidade de Aprendizagem na escola em que trabalho. Gostaria de, nessa oportunidade, compartilhar um pouquinho da minha história relacionada ao Projeto.

Sempre acreditei no poder de transformação da Educação, desde muito cedo!

E não somente acreditei, mas, de forma autônoma, desenvolvi várias iniciativas tentando acertar o alvo, tentando realizar meu sonho: realizar transformações através da Educação.

Ainda como estudante do Ensino Fundamental II, por exemplo, (na minha época, Ginásio), criei um Jornalzinho em que eu publicava poesias, informações da escola, entrevista com algum aluno ou funcionário da escola e tinha um meio de interagir com o leitor (uma caixinha de sugestão que ficava no pátio) para que eu soubesse o que os alunos tinham a sugerir, seus desejos de melhoria, suas críticas (que depois seriam levadas aos professores, à direção). Com apoio da direção da escola, eu fazia uma cópia para cada sala e colava no mural de avisos para que todos tivessem acesso, além de um exemplar para a Sala dos Professores.

A ideia era que eu conseguisse envolver o máximo de pessoas

possível, para que criássemos ali na escola uma comunidade, não somente leitora, mas participativa (que conseguíssemos melhorar nossa escola através da participação de todos...).

Mas a ideia, infelizmente, não surtiu o efeito que eu esperava, não consegui o apoio que busquei receber: Publiquei apenas dois jornais (resumiu-se a dois meses de ação) e pensei: “Por ser aluno não tenho autoridade suficiente para conquistar respeito dos professores e dos demais colegas”. Então parei (de publicar, não de sonhar...).

Alguns anos depois, como aluno do Ensino Médio (na época, Colegial), fui informado que na cidade próxima de Mogi Mirim seria realizada uma Feira Científica Cultural, com participação dos alunos das escolas da região.

Falei com a direção, que me autorizou a, junto com outros dois colegas, iniciar o planejamento para participarmos dessa feira. Pensamos, no entanto, em dar oportunidade a alunos mais novos (que poderiam dar continuidade ao Projeto posteriormente...) e assim fizemos.

Alguns alunos (aqueles que o professor acaba preferindo que façam “atividade extraclasse” para não atrapalhar a aula – isso existia...) foram encaminhados para nós. Eram alunos da 5ª série. Nós, no entanto, vimos que eles tinham uma característica bastante interessante: eram muito espertos, aprendiam com facilidade... (por isso falavam demais, não paravam quietos...). Era o perfil que precisávamos (alunos “espertos”) porque tínhamos pouco tempo para prepará-los para a feira.

Iniciamos então o processo de apresentação para eles das atividades que estávamos pensando em montar juntos. Escolhemos, com a participação deles, os experimentos que íamos preparar;

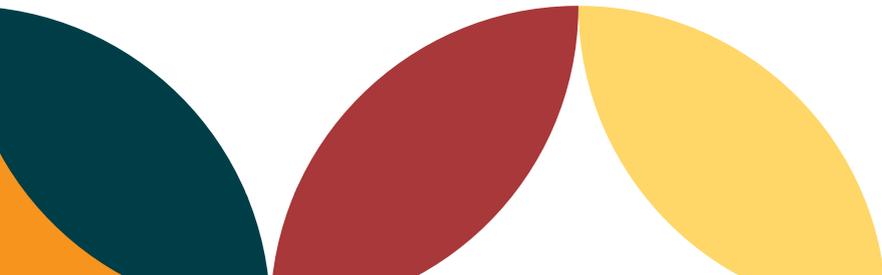
desde projetos básicos de Eletrônica, Química e Física até um painel sobre os resultados de um Projeto de Reciclagem de Lixo que a escola tinha e começamos trabalhar:

Dois meses depois, aproximadamente, nossos pequenos monitores (sob a nossa orientação) apresentaram os projetos na feira. Foi um sucesso!

Depois dessa feira, continuamos a nos reunir toda semana, com o objetivo de trabalharmos como um Clube de Ciências. A iniciativa durou alguns meses, e encerramos as atividades por falta de apoio, de orientação.

São iniciativas que, mesmo que encerradas, ficaram gravadas não só na memória como no coração. Sempre que encontro com os colegas da época, ou com o professor que então era o diretor da escola (e que me deu tanto apoio), me emociono com as lembranças. Mas eu pensava: “Tudo não foi para a frente porque eu era aluno, não tinha autoridade suficiente para conquistar respeito, para conseguir continuidade...”.

O tempo foi passando e, como o sonho não morria, mesmo trabalhando em uma área técnica (sou técnico em química), eu pensava: “Quem sabe se eu me graduar em Pedagogia, não consigo retomar meu sonho de desenvolver um trabalho educacional transformador” (porque serei pedagogo, vou ter autoridade suficiente para falar como profissional da educação, meus projetos serão aceitos...).



Por uma “guinada do destino” (entendo que eu estava no lugar certo, no dia certo e diante de uma oportunidade que eu não podia perder – que é outra longa história), consegui, em 2005, me matricular no Curso de Pedagogia.

Pensei em desistir várias vezes, pois como eu já tinha formado família, trabalhar, estudar e conciliar tudo isso não era fácil. “Mas como podia abandonar meu sonho?” – eu pensava. E isto me dava forças para prosseguir; até que, em 2008, graduei-me em Pedagogia, sendo contratado como tutor de alunos do curso que eu acabava de concluir.

Em 2009, matriculei-me na especialização em Psicopedagogia e desde então tenho me dedicado a estudar a relação família-escola, em busca de formas de desenvolvimento de uma educação em parceria, de forma dialógica, que promova aprendizagem.

Ainda durante esse período (durante meu primeiro curso de especialização), lancei um curso on-line com o título “Atitudes que Favorecessem o Sucesso Escolar” e foi um sucesso. Pessoas das mais diversas cidades do Brasil passaram a ter acesso ao mesmo e, por me darem feedback tão positivo, em 2012, após já ter defendido o tema em trabalho de conclusão de curso de minha especialização, lancei um livro com o mesmo título, esperando que o mesmo fosse também um sucesso, por atender, a meu ver, uma grande necessidade não somente da escola, mas da família e da Educação como um todo.

Não aconteceu o que eu esperava. O lançamento acabou se resumindo a alguns amigos, apesar de eu ter divulgado o livro em toda a rede municipal. Posteriormente, o livro atingiu muito poucas pessoas (apenas alguns dos meus alunos do Curso de



Pedagogia, que precisavam de um Certificado para complementar as horas de Atividades Culturais).

Diante desse pequeno resultado, pensei: “Deve ser porque acabei de me formar, não tenho autoridade suficiente ainda... Vou estudar mais, vou me fazer mais visto, deve resolver..”.

Posteriormente, assumi a Coordenação do Polo Educacional em que trabalhava como tutor, passei a ministrar aulas em cursos de pós-graduação, continuei a estudar e defender a participação da família e da comunidade na escola, mas sempre senti que faltava algo em que eu pudesse me apoiar. Faltavam estratégias (ações) que me dessem segurança no momento não só de apresentar, mas de propor ação, em que eu pudesse enxergar possibilidades de resultados.

É forte minha motivação para realizar esse sonho da participação da família e da comunidade na escola, especialmente porque por toda minha vida, desde meus primeiros anos de escolaridade, eu sempre presenciei a participação dos meus pais na escola, tanto do meu pai quanto da minha mãe (mesmo ambos tendo apenas dois a três anos de escolaridade cada um...). Meu pai, por exemplo, participou da minha vida escolar, indo a todas as reuniões de pais, até o 3º ano do Ensino Médio (na época, eu tinha 17 anos...). E sempre senti o resultado disso tanto pra mim quanto para colegas que tiveram o mesmo privilégio (mesmo que nessa época nunca tenha existido nenhuma orientação ou projeto que tratasse desse tema...).

Depois de alguns anos, de certa forma frustrado com os resultados das minhas iniciativas, mas de forma alguma esquecendo meu sonho, no início deste ano (2017), após ser aprovado em concurso público, fui convocado para assumir uma das vagas de coordenador pedagógico na rede municipal de ensino de minha cidade (Mogi Guaçu/SP), e por “sorte” (mas, intimamente, acredito que seja ação da força do meu sonho – porque é coincidência demais para ser apenas coincidência), ao aceitar assumir, fui designado para ser coordenador de uma das poucas escolas que estão participando do processo de transformação para se tornar Comunidade de Aprendizagem.

Um dia depois de ser apresentado à direção da escola, no último dia da formação inicial, em que tomei conhecimento do Projeto, meu pai, que ao lado da minha mãe sempre foi meu inspirador na ação de participar ativamente da vida escolar dos meus filhos e sonhar em contribuir para que cada vez mais pessoas façam o mesmo, faleceu!

Desde que passei a conhecer o Projeto (a partir da apresentação da formadora Joana – na formação inicial para ir para a escola), através do EaD e de outras formações posteriores, e após as ações que passei a desenvolver na escola, a cada dia mais me empolgo, mais acredito, mais me sinto preparado. Cada vez mais sinto que, a cada dia, meu sonho finalmente começa a se realizar, agora, no entanto, de forma sólida.

Tenho utopia sim! Utopia de ver não somente a escola, mas a comunidade como um todo envolvida no processo de transformação contínua, utopia de ver implantadas, e em plena realização, todas as Atuações Educativas de Êxito. E é para isso que tenho trabalhado, desenvolvendo estratégias diversas para “nem

que for de um por um” – e não me importam os obstáculos a vencer –, trazer a comunidade escolar e do entorno para uma efetiva participação nas ações, para ações educativas dialógicas.

Tenho percebido que ainda há muito a ser feito, não tenho dúvida disso. Por outro lado, estou certo de que a maior transformação já se iniciou: em mim. Isso porque eu sempre acreditei que precisava construir autoridade (através de títulos, cargo ou função mais conhecimento) para conseguir respeito, reconhecimento, para ter resultado na realização do meu sonho de uma Educação transformadora. Desde que comecei a me envolver no Projeto Comunidade de Aprendizagem, contudo, tenho aprendido que valem muito mais o argumento, a ação dialógica e o reconhecimento real da inteligência cultural de cada um que minha posição hierárquica.

Aprendi também, e ao me apropriar cada vez mais, a cada dia, procuro compartilhar, que, apesar de eu estar certo quando afirmava que “até o analfabeto ou o semianalfabeto (como eram meus pais) pode contribuir para promover aprendizagem”, não tinha real noção (de ações) como isso poderia ser feito. Agora estou aprendendo.

Tenho conversado com as formadoras (local e do Instituto Natura) sobre isso frequentemente: “O que me deixa cada vez mais entusiasmado é que agora, finalmente, eu encontrei um rumo para meu sonho, um norte que posso seguir e que certamente me levará a realizá-lo... pois já o vejo sendo realizado a cada dia...”.

Nas minhas iniciativas citadas anteriormente, em busca da realização do meu sonho, com meu esforço pessoal, agindo sozinho, cada vez que eu não conseguia resultado, ou que sentia resistência, eu ficava sem saber como agir; a quem recorrer; em que me sustentar.

Hoje, eu sonho, mas, desde o sonho, já não o faço mais sozinho, sonho com toda a comunidade e sinto como meu o sonho da comunidade, pois sonhamos juntos, e, em tão pouco tempo de ação do Projeto na escola, já tivemos resultados (sonhos realizados)!

Mais que isso, sinto que professores (que antes, sozinho, eu não conseguia conquistar) já começam a sonhar comigo e com a comunidade (ouvi de uma professora que “ela estava muito desmotivada e que agora, com o Projeto, ela se sentiu renovada, novas ideias começaram a surgir”... Outra professora, junto com os alunos, propôs uma iniciativa que resultou na realização de um dos sonhos – que possibilitará realizar outros...) e a comunidade já está começando a participar efetivamente (nas Comissões Mistas e em breve nas Atuações Educativas de Êxito – já estamos combinando as participações). O processo de transformação, assim, “saiu do sonho” e está se realizando a cada dia.

E o meu sonho?

Bem, agora ele não é mais meu, é da comunidade...

O Projeto?

Não é mais meu, a comunidade está se apropriando dele a cada dia! E eu estou amando...

Na última Comissão Mista, compartilhei esse sentimento com os presentes: “Eu posso, amanhã, não ser mais o coordenador desta escola. Mas de maneira alguma quero levar o Projeto comigo –



digo, que as ações paralitem. Meu sonho é que ele seja apropriado pela comunidade de forma que, mesmo sem a minha presença, ele permaneça e dê os frutos de aprendizagem dialógica, de educação transformadora”. É para isso que estou trabalhando!

Por outro lado, se eu um dia for transferido para ser coordenador de outra escola, quero sim levar o Projeto comigo, quero levar as boas experiências que vivi, as realizações das quais fui participante... o sonho que ajudei construir, sonho que era meu (e enquanto somente meu não conseguia realizar), sonho que quando conheci o Projeto Comunidade de Aprendizagem, passou a ser da Comunidade, apropriado pela Comunidade, que passou a ser realizado, a cada dia! E se ele não tiver sido implantado lá, trabalharei para que seja, para que outra escola sinta e viva o processo de transformação que ele realiza!



SONHO  
COM TODA A  
COMUNIDADE



## PEQUENAS E GRANDES MUDANÇAS

**FELIPE GUSTAVO COSTA DE OLIVEIRA**  
RIO DE JANEIRO (RJ)

Trabalho no Ginásio Carioca Epitácio Pessoa desde o começo de 2014. O Projeto Comunidade de Aprendizagem começou na escola em 2013, e muitas das ações já estavam acontecendo, como os Grupos Interativos, as Tertúlias Literárias e a Biblioteca Tutorada.

Comecei a atuar inspirado por histórias de transformação anteriores à minha chegada. Uma de nossas funcionárias, Luciene Santos, depois de participar como voluntária nos Grupos Interativos relatou uma verdadeira mudança em sua vida. Depois de anos afastada da escola, ela resolveu, ao tomar contato com os efeitos positivos do projeto, cursar uma faculdade de Pedagogia. Além disso, passou a interagir mais com os alunos e a entender a importância do diálogo igualitário para o processo de aprendizagem.

A história de Luciene foi um exemplo do poder transformador da educação, e eu pude testemunhar diversas outras pequenas transformações que aconteceram dentro das salas de aula da escola, em nosso momento semanal de debate sobre obras clássicas da literatura universal: as Tertúlias Literárias.

Com o apoio e o incentivo da diretora de nossa escola, Débora Thomaz, separamos um dos seis tempos semanais de Língua Portuguesa em cada uma de nossas turmas para a realização dessa atividade.



Ao longo dos quase quatro anos em que trabalho na unidade, já li com os alunos obras como *Romeu e Julieta*, *O Maravilhoso Mágico de Oz*, *O Diário de Anne Frank*, *As Mil e Uma Noites* e *Um Conto de Natal*, e observei pequenas transformações que fazem com que o nosso trabalho de despertar os alunos para a maravilhosa viagem ao conhecimento valha a pena.

Ao darmos voz aos adolescentes em um diálogo igualitário é possível percebermos alunos que pouco falavam e passaram a dar suas opiniões com confiança, alunos que abriram o coração para traçar paralelos entre momentos emocionantes dos livros e suas próprias vidas e, a cada leitura de um mesmo livro, eu passei a notar com as falas dos alunos quantas surpresas ainda estavam escondidas naquelas páginas.

Um dos momentos mais marcantes foi a leitura dos capítulos finais de *Os Meninos da Rua Paulo*, de Ferenc Molnar, com uma turma de oitavo ano, em 2016. A comoção com a morte de um dos jovens personagens fez com que os alunos debatessem questões profundas e difíceis para todos nós: a brevidade da vida, a dificuldade em lidar com a perda de quem amamos e os sacrifícios que somos capazes de fazer pelo bem-estar de nossos familiares. Foram histórias muito íntimas e dolorosas que vieram à tona, e muitos ficaram visivelmente emocionados.

Uma das participantes da Tertúlia – a mãe de uma das alunas da turma – comentou com lágrimas nos olhos como os pais são capazes de buscar forças que nem imaginavam ter para proteger os filhos de qualquer perigo. Horas mais tarde, naquele mesmo dia, a mãe mandou uma mensagem agradecendo pelo momento de diálogo e aprendizado ao lado dos alunos e pela oportunidade que estávamos proporcionando à filha, e que ela mesma gostaria de ter tido quando era mais jovem. São essas pequenas transformações que nos fazem ter a certeza de que estamos no caminho certo.

CERTEZA  
DE QUE  
ESTAMOS NO  
**CAMINHO  
CERTO**





## SONHOS SE TORNANDO REALIDADE

**SIMONE NEVES PINTO**

**IRAQUARA (BA)**

O município de Iraquara/Bahia foi contemplado com o projeto Comunidade de Aprendizagem no ano de 2016 na Escola Maria Nilda de Carvalho. O projeto foi bem aceito por toda a equipe, estudantes, pais e comunidade do entorno. As primeiras ações foram um sucesso, muita empolgação por parte de todos, muitos sonhos e a esperança de dias melhores:

- Meu sonho é ter uma quadra na escola e jogar bola todos os dias na hora do recreio!
- O meu também!
- Ah, o meu sonho é ter um jardim bem bonito e uma horta grande!

Dentre tantos, esses foram os sonhos mais pedidos pelos alunos: construção de quadra, espaço para jardim e horta.

Vale ressaltar que Iraquara está situado no território da Chapada Diamantina, região central do Estado da Bahia. Possui um ambiente natural exuberante, arquitetônico, histórico e cultural singular. Tem o maior acervo espeleológico da América Latina, dando ao município o título de “Cidade das Grutas”. São duzentas e quatro (204) catalogadas, dentre elas destacam-se as grutas da Pratinha, da Torrinha, Mané loiô, Lapa Doce e a gruta da Fumaça.

O município apresenta um universo de 32 escolas públicas municipais. Dessas, 82,9% estão localizadas na Zona Rural, facilitando,

assim, o acesso da população do campo à educação. Assim, como em toda a parte do mundo, a educação em Iraquara enfrenta muitos desafios. Com os avanços da tecnologia, a informação chega às pessoas de forma cada vez mais veloz, sem que tenhamos tempo de analisá-la, tornando um desafio para o educador ensinar e aprender em uma sociedade interconectada.

Dentre as escolas do município, a Escola Maria Nilda de Carvalho foi a contemplada pelo Projeto Comunidade de Aprendizagem. A partir desse momento, seus projetos educativos passaram a ultrapassar os limites da escola. As ações passaram a envolver melhor a comunidade no processo de formação de seus indivíduos, e suas transformações começaram com os sonhos dos(as) alunos(as), sendo apresentados à gestão pública municipal.

O sonho dos alunos e alunas da Escola Maria Nilda de Carvalho parecia impossível. Dentre os sonhos listados, eles pediam uma escola com espaço de lazer, local adequado para o plantio de hortas, construção de jardim e uma quadra poliesportiva. Naquele local, seria impossível realizar esses sonhos: geograficamente, o prédio fica em um terreno acidentado e cheio de pedras, dificultando a prática de atividades físicas das crianças no pátio escolar.

A infraestrutura da escola é composta por quatro salas de aula, uma sala de recursos multifuncionais, uma biblioteca, um laboratório de informática, uma secretaria, cinco banheiros, um almoxarifado e uma cozinha. Nessa escola não há possibilidade nenhuma de novas construções, muito menos espaço para construção de uma quadra poliesportiva.

Para realização dos sonhos dos alunos e alunas, a escola Maria Nilda de Carvalho está passando por uma grande transforma-

ção. Ela será transferida para outro prédio que, neste momento, está sendo revitalizado com a reforma da estrutura atual, conclusão da quadra poliesportiva, construção de mais quatro salas para o desenvolvimento de oficinas no contraturno e oito banheiros para banho.

Além da estrutura física do novo prédio, há também espaço suficiente para construção de jardim, hortas e um pequeno pomar. E, por fim, em 2018, a escola passará a funcionar em tempo integral, proporcionando, como está posto pela Comunidade de Aprendizagem, uma transformação social e cultural que envolve alunos, professores, pais e demais cidadãos locais na construção de um projeto educativo e cultural próprio, para educar a si, suas crianças, seus jovens e adultos.



PROCESSO DE  
**FORMAÇÃO**  
DE INDIVÍDUOS

# UM SÓ SONHO, UMA SÓ REALIDADE

**ADRIANA ROCHA DE SOUZA MIRANDA**  
SOUTO SOARES (BA)

Nossos passos, caminhos trilhados...

A Escola Municipal Rui Barbosa está localizada no distrito de Segredo Souto Soares, Chapada Diamantina – Bahia e insere em seu contexto uma comunidade quilombola. Iniciamos seu processo de transformação em meados de 2016 e para toda a escola foi, ao mesmo tempo, significativo de boas expectativas como também desafiador, pois transformar uma escola para que a comunidade tenha participação ativa não é tarefa fácil, mas confiar na proposta do Projeto Comunidade de Aprendizagem e vivenciar a formação realizada pela formadora Madalena Monteiro, do Instituto Natura, foi um divisor de águas na tomada de decisões. Diante disso, seguimos estudando, planejando, sonhando e realizando. Este é o processo, o limite será o sucesso!

## **Fase de transformação**

A Fase dos Sonhos foi marcada por muita criatividade, desde a divulgação na escola e na comunidade até o dia de sonhar, e cada segmento, a seu tempo, sonhou por uma escola em que todos e todas possam aprender com qualidade e com prazer.

Organizadas as Comissões Mistas, seguimos no processo de planejamento e seleção de prioridades e já com a realização de alguns sonhos, que, nas suas simplicidades e possibilidades, já estão

fazendo a diferença para nossas crianças, nossa escola e nossa comunidade. Hoje, somos um só sonho, uma só realidade, escola e comunidade: Onde começa e onde termina cada uma?

Esse é o diferencial de ser Comunidade de Aprendizagem! “É visível o quanto essa escola tem mudado em vários aspectos, e esse resultado acredita-se que é devido à transformação em Comunidade de Aprendizagem. Hoje, já é comum vermos pais e mães frequentando o espaço da escola, comentando e elogiando, tanto no que diz respeito à infraestrutura quanto à parte pedagógica. Com isso, fortaleceram-se ainda mais os laços entre comunidade e escola, o que antes parecia ser algo separado” (Cleber Araújo Lopes, diretor).

### **Tertúlias Dialógicas Literárias: Desafios e Aprendizagens**

Implementar as Tertúlias Dialógicas Literárias na escola não tem sido fácil, embora gratificante. O maior desafio é a falta de acervo clássico na escola. Outro ainda é a resistência de alguns professores em realizar com os alunos (Ensino Fundamental II), mas, diante desses desafios, o desejo de seguir em frente é o que sustenta as práticas já instituídas, que estão se fortalecendo a cada dia, nos segmentos de Ed. Infantil, Fundamental I e algumas turmas do Fundamental II.

Tomamos o segmento de Educação Infantil e Fundamental I para relatar nossas experiências com as Tertúlias: Nas classes de Educação Infantil (4 e 5 anos), as crianças vêm se envolvendo a cada Tertúlia. Com o apoio da família e um planejamento ajustado das professoras, as crianças têm conseguido compreender os princípios e, dentro de suas possibilidades, as Tertúlias ganham espa-

ço cada vez mais significativos tanto na família como na escola. Vivenciar os processos de planejamento, filmagem, tematização e replanejamento das Tertúlias nessas turmas tem sido uma constante aprendizagem.

Para melhor ilustrar esta afirmativa, trazemos os próprios autores dessas aprendizagens: “Meu neto, quando chega em casa, fica atrás de mim: ‘Vó, vem ler comigo, amanhã tem Tertúlia’. E em uma das Tertúlias ele fez relação da Cachinhos Dourados com sua irmãzinha: ‘Ela parece minha irmã, porque minha mãe chama ela de cachinhos dourados’” (Edilucia Perazzo – avó, Ed. Infantil).

Outra criança, na Tertúlia com Pinóquio: “Eu gostei da parte em que a fada transformou Pinóquio em um menino de verdade. Eu queria ser transformada em uma fada, porque fada faz coisas boas” (Jaine Porto, 5 anos).

Nas turmas de Fundamental I, em que ainda há muitos alunos com grandes dificuldades na leitura, a prática da Tertúlia vem tomando espaço na rotina e na vida deles, dentro e fora da escola. “Eu gosto da Tertúlia porque eu não tenho mais vergonha de falar e também estou aprendendo a ler” (Vinícius Alves, aluno 5º ano).





## Grupos Interativos

Assegurar a igualdade de aprendizagem, dinamizar e potencializar a interação entre iguais, otimizar o tempo de aprendizagem, favorecer a rotatividade de atividades entre os grupos, são os objetivos centrais que movem os Grupos Interativos. Nesse sentido, estamos implementando os Grupos Interativos gradativamente. Tomamos como foco as turmas de final de ciclo – 3º e 5º anos –, que apresentam alunos com maiores dificuldades nas aprendizagens. Foi realizada uma formação e feito um planejamento com as professoras dessas turmas, convidamos os voluntários e realizamos a AEE, seguindo todo o processo orientado no material disponibilizado na Comunidade de Aprendizagem, e os resultados são visíveis aos olhos de todos:

“O Grupo Interativo é bom porque a gente faz as atividades e os colegas ajudam e quem termina primeiro ajuda o outro e todo mundo faz e aprende” (Kauan Oliviera, aluno do 5º ano).  
“O Grupo Interativo é uma ação que distancia as crianças das dificuldades, pois há interação e solidariedade, em que todos se responsabilizam pela aprendizagem e o sucesso em cada atividade” (professora Janete Alves, 5º ano).

Partindo da avaliação dessa experiência piloto, estamos no processo para implantação em todas as turmas de Ed. Infantil e FI. Faremos formação de voluntários, organizaremos cronograma de turmas e seguiremos nos planejamentos com as professoras.

Estamos todos muito tomados pelo desejo de implementação de mais esta Atuação Educativa de Êxito, pois sabemos que esta



nos possibilitará maior participação da comunidade na escola, cumprindo, com isso, o desejo de crescimento e amadurecimento de toda a comunidade escolar por meio do Projeto Comunidade de Aprendizagem. Isso nos deixa muito felizes, mas com os pés no chão, pois sabemos dos desafios que ainda temos para proporcionar avanços significativos de aprendizagens aos nossos educandos. Desta forma, seguiremos os nossos trabalhos com muito entusiasmo, dedicação e responsabilidade para que juntos possamos alcançar, cada vez mais, os objetivos planejados para nossa escola, nossa comunidade e, principalmente, para os nossos queridos alunos!



## INTERAÇÃO E SOLIDARIEDADE









INSTITUTO I natura